

# NIETZSCHE E CLAUSEWITZ: A GUERRA<sup>1</sup>

## *NIETZSCHE ET CLAUSEWITZ : LA GUERRE<sup>2</sup>* *NIETZSCHE AND CLAUSEWITZ: THE WAR*

**Georges Bataille<sup>3</sup>**

Tradutores: *Gustavo Ruiz da Silva<sup>4</sup>, Alexandre Lima Castro Tranjan<sup>5</sup>*.

A guerra pode ser considerada a partir de dois pontos de vista. Para muitos, ela é uma política e uma política brutal, violenta e, por exemplo, para Clausewitz a guerra prolonga a política da paz, ou seja, a guerra possui um objetivo, um objetivo absolutamente preciso que é, em suma, o de impor sua vontade às pessoas que se combate, às pessoas que qualifica como inimigas. Mas, a guerra, por vezes, foi outra coisa: em condições primitivas, a guerra não tinha, ela mesma, nenhum sentido material. A guerra era simplesmente uma forma de exercício, de um exercício de aparência nitidamente trágica, que reserva o sentido do que gostaria de dizer; a guerra foi, de início, um jogo, e é, creio eu, enquanto um jogo que Nietzsche a valoriza. Só que é preciso entender as coisas, perceber que tipo de jogo é a guerra. A guerra é um jogo supremo, um jogo trágico; é um jogo no que se disputa absolutamente tudo que se tem, inclusive sua vida, e eu acredito que é isso que Nietzsche amou na guerra, porque para Nietzsche a vida era essencialmente um jogo. Nietzsche deve certamente ter percebido que não havia jogo superior à guerra, que era o único em que o desafio era total.

Nietzsche não é um filósofo, mas acredito que haja apenas uma razão para isso: a filosofia não poderia ser alcançada por Nietzsche. Não porque ele não tivesse forças para isso, mas porque a filosofia não estava aberta a ele tal como ele queria *jogar*. Nietzsche talvez não tenha renunciado totalmente à filosofia, mas é certo que preferiu a possibilidade de se tornar um filósofo, entregar-se a uma escrita que lhe permitisse brincar continuamente com o que escrevia. Nietzsche nunca olhou para o que escreveu com altivez, devo dizer que há muito a dizer sobre isso, e muito preciso. Por exemplo, em Zarathustra, ele teve o cuidado de escrever

---

<sup>1</sup> Este texto é a transcrição inédita de uma entrevista concedida por Georges Bataille em 1959. A citação de Nietzsche feita por Bataille é extraída de Assim falou Zarathustra, “Antes do nascer do sol”, tradução para o francês de Georges-Arthur Goldschmidt.

<sup>2</sup> N.T.: Referência do texto original: BATAILLE, Georges. NIETZSCHE ET CLAUSEWITZ : LA GUERRE. Paris : **Éditions Hazan, Lignes**, n. 13, 1991, p. 100-102.

<sup>3</sup> N.T.: Bataille se formou em 1922 na *École Nationale des Chartes* com tese sobre o poema medieval “*L’Ordene de chevalerie*”. Sua obra foi de grande impacto na filosofia francesa, em especial no pós-estruturalismo.

<sup>4</sup> Graduado em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP) e Filosofia (Universidade de São Paulo, USP). Mestrando em Filosofia na PUC-SP, onde é membro do “Grupo de Pesquisa Michel Foucault” (CNPq) e do “GT Ética e Filosofia Política” (ANPOF). Bolsista CNPq.

<sup>5</sup> Graduando em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Foi pesquisador-bolsista CNPq de iniciação científica e pesquisador-visitante na Universidade Palacký em Olomouc, República Tcheca.

com uma certa altivez, de forma que lhe permitisse ver as coisas do mais alto ponto do vista muito alto; pois bem! Podemos dizer que até certo ponto ele falhou. Ele falhou, mas talvez o mínimo possível, inconscientemente. Peço sua permissão para citar algumas frases de Zaratustra: “*Verdadeiramente, é uma bênção e não uma maldição quando eu ensino: sobre todas as coisas paira o céu do acaso, o céu Inocência, o céu Acidente, o céu Presunção*”<sup>6</sup>, o céu imprudente. “*Do acidental - é a mais velha nobreza do mundo, que eu dei todas as coisas de volta, eu as libertei da servidão de seus fins*”<sup>7</sup>.

Veja, é basicamente uma questão de libertar as coisas, ou seja, a existência e o mundo, do objetivo. E Nietzsche vai sempre na mesma direção: ele protesta contra a atribuição de um objetivo para o mundo. Para ele, o mundo não tem meta e, por conseguinte, o que é possível para nós? É rir do que ele é. Mas não rir, como é banal rir ao perceber a superioridade que se tem sobre aquele de quem se ri, mas rir com um riso definitivo. Não podemos rir do mundo como uma realidade sobre a qual nos sentimos superiores, mas de uma realidade diante da qual, ao contrário, sentimos sua mesquinhez e, conseqüentemente, o riso nas condições nietzschianas é o riso trágico. Não há nenhuma possibilidade de rir a partir do conhecimento de Nietzsche sem ir até o ao fim das possibilidades do riso, isto é, de rir tragicamente, de rir como se riria diante de um crucifixo.

---

<sup>6</sup> N. T. Citação original de Nietzsche (eKGWB/ZA-III-Sonnen — Also sprach Zarathustra III: Vor Sonnen-Aufgang. Erste Veröff. 10/04/1884): “Wahrlich, ein Segnen ist es und kein Lästern, wenn ich lehre: „über allen Dingen steht der Himmel Zufall, der Himmel Unschuld, der Himmel Ohngefähr, der Himmel Übermuth”. Citação da edição francesa feita por Bataille: “En vérité, c’est une bénédiction et non un blasphème lorsque j’enseigne: “Au-dessus de toutes choses se tient le ciel hasard, le ciel innocence, le ciel ‘par hasard’”. Citação da edição brasileira: “Em verdade, trata-se de uma bênção e não de uma blasfêmia, quando ensino que “sobre todas as coisas está o céu Acaso, o céu Inocência, o céu Contingência, o céu Exuberância””. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>7</sup> N. T. Citação original de Nietzsche (eKGWB/ZA-III-Sonnen — Also sprach Zarathustra III: Vor Sonnen-Aufgang. Erste Veröff. 10/04/1884): “„Von Ohngefähr“ — das ist der älteste Adel der Welt, den gab ich allen Dingen zurück, ich erlöste sie von der Knechtschaft unter dem Zwecke”. Citação da edição francesa feita por Bataille: ““Par hasard’, - voilà la plus vieille noblesse du monde; je l’ai rendue à toute chose, je les ai libérées de la servitude du but”. Citação da edição brasileira: ““Lady Contingência” — eis a mais velha aristocracia do mundo, que devolvi a todas as coisas, ao redimi-las da servidão à finalidade””.